

# Percepções de mulheres trabalhadoras sobre gestação e os sentidos do trabalho

Jackeline de Souza Toledo<sup>1</sup>

Atitus Educação (Passo Fundo, RS, Brasil)

Júlia Tomedi Martins<sup>2</sup>

Atitus Educação (Passo Fundo, RS, Brasil)

Júlia Gonçalves<sup>3</sup>

Atitus Educação (Passo Fundo, RS, Brasil)

Trabalhar é essencial para a vida dos indivíduos e seu sentido é construído a partir das percepções subjetivas e do contexto socio-histórico de cada um. No entanto, para muitas mulheres, alguns marcos da vida, como a gestação, exigem grande reorganização da sua própria identidade e de suas prioridades. Nesse sentido, esta pesquisa tentou compreender os sentidos do trabalho para mulheres em período gestacional. Oito gestantes trabalhadoras foram entrevistadas e os dados submetidos à análise de conteúdo. Logo, pôde-se verificar que, para as entrevistadas, um trabalho que tenha sentido é o que proporciona prazer, satisfação e realização. Sobre o trabalho e a gestação, apesar de notarem mudanças no modo de realização das atividades laborais, as mulheres não consideraram a gravidez um impeditivo, reforçando a ideia de trabalho como fonte de segurança financeira e de subsistência. Dessa forma, identifica-se um deslocamento dos sentidos do trabalho que antes eram predominantemente positivos, e, durante a gestação, um fortalecimento da perspectiva instrumental. Percepções sobre trabalho e gestação corroboram com a compreensão de centralidade dos fenômenos e com a reflexão sobre as mudanças que a gestação pode trazer à vida das trabalhadoras e ao seu vínculo com o trabalho.

Palavras-chave: Trabalho, Sentidos do trabalho, Mulher, Gestação.

Working women's perceptions on pregnancy and the meanings of work

Working is central to the individuals' lives and its meaning is constructed from subjective perceptions and by the social-historical context of each person. However, for many women, life milestones such as pregnancy, require a great reorganization of their own identity and of their priorities. In this sense, this research tried to understand the meanings of work for pregnant women. Eight pregnant workers were interviewed, and the data were submitted to content analysis. Thus, we could observe that, for the interviewees, a meaningful job is what provides pleasure, satisfaction, and fulfillment. Regarding work and pregnancy, despite noticing changes in the way of carrying out work activities, women do not consider pregnancy to be an impediment, reinforcing the idea of work as a source of financial security and subsistence. In this way, we identified a shift in the meanings of work that were previously predominantly positive, and, during pregnancy, the strengthening of the instrumental perspective. Perceptions about work and pregnancy corroborate the understanding of the centrality of the phenomena and the reflection on the changes that pregnancy can bring to the worker's life and to the bond with work.

Keywords: Work, Meanings of work, Women, Pregnancy.

1 <https://orcid.org/0000-0001-7208-5689>

2 <https://orcid.org/0000-0002-5193-655X>

3 <https://orcid.org/0000-0002-2804-1045>

## Introdução

O trabalho, conforme a perspectiva de centralidade psicológica e sociológica, é fundamental para construção da identidade e um importante meio de inserção na sociedade (Blanch-Ribas, 2003; Gonçalves et al., 2020; Morin, 2001; Oliveira et al., 2004; Pereira & Tolfo, 2016; Tolfo, 2019). É compreendido como inerente ao ser humano e como uma ferramenta de construção de si, essencial para a constituição da subjetividade e individualidade (Garcia & Viecili, 2018; Neves et al., 2018). Diversos fenômenos são investigados nesse campo, dentre eles, os sentidos e significados do trabalho, os quais são estudados por diferentes áreas, teorias e epistemologias, sofrendo a influência dessa diversidade em sua definição (Gonçalves et al., 2020; Oliveira et al., 2004; Pereira & Tolfo, 2016; Sá & Lemos, 2017; Schweitzer et al., 2016; Tolfo, 2019).

Se, por um lado, os significados do trabalho, muitas vezes, remetem ao seu valor coletivo, marcado por influências culturais e históricas, por outro, seus sentidos são relativos ao sujeito, com uma perspectiva mais individual e subjetiva (Gonçalves et al., 2020; Schweitzer et al., 2016; Tolfo, 2019). Apesar dessa diferenciação, ambos se influenciam e são dinâmicos – tanto para o indivíduo quanto para o grupo em que ele está inserido (Tolfo, 2019). A forma de compreender os sentidos do trabalho proposta por Blanch-Ribas (2003) é interessante, pois os localiza dentro de um *continuum*, no qual em um polo encontramos os aspectos positivos – que concentra sentimentos de realização, satisfação, prazer e valor em relação ao trabalho – e no outro, aspectos negativos – relacionados ao sofrimento e à dor, ou seja, quando o trabalho é entendido como uma obrigação, sentença ou punição. Nessa estruturação, ainda se encontra uma posição central, que representa a perspectiva instrumental, em que o trabalho é relacionado a emprego, remuneração, necessidade e sobrevivência (Andrade et al., 2012; Gonçalves et al., 2020; Pereira & Tolfo, 2016; Tolfo, 2019). A definição de um trabalho com ou sem sentido sempre dependerá da subjetividade e interpretação do indivíduo, sem esquecer dos fatores sociais e culturais que revestem a compreensão (Rodrigues et al., 2016).

Revisões de literatura relatam pesquisas que investigam os sentidos e significados do trabalho (Pereira & Tolfo, 2016; Sá & Lemos, 2017; Schweitzer et al., 2016), identificando que, quando o fenômeno é compreendido a partir da psicologia, a sustentação teórica e epistemológica ocorre, em especial, a partir de cinco perspectivas, a saber: cognitivista, existencialista (fenomenológica), socio-histórica, construcionista social e psicodinâmico – clínicas do trabalho (Gonçalves et al., 2020; Pereira & Tolfo, 2016; Schweitzer et al., 2016; Tolfo, 2019). Essas perspectivas sobre o fenômeno são identificadas e nominadas dessa forma pelos pesquisadores da área. Assim, esta pesquisa adotou a abordagem existencialista, na qual os sentidos do trabalho podem ser considerados subjetivos e possuem características únicas, a partir do contexto social e histórico no qual o sujeito está inserido (Morin, 2001), sendo o trabalho um produto da atividade humana, mas também uma necessidade fundamental para o ser (Gonçalves et al., 2020; Schweitzer et al., 2016).

Nessa abordagem, para um trabalho com sentido é importante que quem o realize tenha clareza sobre seus objetivos, assim como sobre a utilidade e a valorização de seus resultados. Somado a isso, o equilíbrio entre as exigências do trabalho e as capacidades do indivíduo são essenciais para que a atividade proporcione crescimento pessoal e seu senso de responsabilidade. Ademais, um trabalho com sentido exige que a organização forneça condições de trabalho adequadas, salário compatível com a função exercida, oportunidade de autonomia e controle de suas atividades e a prática de *feedback* sobre o desempenho (Morin, 2001). Segundo essa perspectiva, é necessário que as pessoas encontrem sentidos em suas vidas e em suas atividades (Pereira & Tolfo, 2016), para que possam se alinhar e se adequar a ele, uma experiência que pode proporcioná-lo a sensação de estar cheio de energia e de se sentir realizado.

Apesar de a perspectiva ser identificada como existencialista (fenomenológica), sua principal referência, Estelle Morin, não faz alusões aos estudos de E. Husserl e J. P. Sartre, e, sim, parte das investigações do grupo *Meaning of Working* (MOW), de perspectiva mais cognitivistas, de Victor Frankl, de perspectiva existencialista e que considera que a busca de sentido na vida é a principal força motivadora do ser humano, e de Irvin D. Yalon, também de perspectiva existencialista. Outros referenciais são encontrados nas obras da autora, como a perspectiva humanístico-fenomenológica de Weisskopf-Joelson, a teoria do enriquecimento do cargo de Hackman e Oldham e, também, a teoria dos sistemas sociotécnicos de Emery e Trist. Os estudos desenvolvidos por E. Morin, sobre os sentidos do trabalho na psicologia, influenciam diversas pesquisas brasileiras contemporâneas (Gonçalves et al., 2020). De acordo com a autora, olhar para os sentidos é interrogar-se sobre a maneira pela qual o sujeito concebe o trabalho, revelando seus valores subjacentes (Morin, 2001). Pesquisas que utilizam a abordagem existencialista, com uma forte influência de matrizes compreensivas, possuem a tendência de usar metodologias qualitativas e, como instrumentos, as entrevistas abertas ou semiestruturadas (Gonçalves et al., 2020).

Pesquisas que investigam os sentidos do trabalho são realizadas tanto com profissões tradicionais quanto não tradicionais, porém, poucas abordam questões de gênero ao investigar esse fenômeno (Sá & Lemos, 2017), apesar de o contexto do trabalho ser um dos ambientes no qual as desigualdades entre homens e mulheres mais se destacam (Guiginski & Wajnman, 2019; Sousa & Guedes, 2016). Estudos identificam que homens e mulheres podem atribuir diferentes sentidos ao trabalho (Curado & Menegon, 2009; Fiorin et al., 2014; Rodrigues et al., 2016; Rodrigues et al., 2019; Siqueira, 2016), fato que pode ocorrer pelos diferentes papéis (sociais) ocupados (Rodrigues et al., 2019). Ainda hoje, permanece diferenças entre “trabalho de homem” e “trabalho de mulher”, o que evidencia uma divisão sexual de atividades funcionais na sociedade, o que estabelece um valor que deprecia aquilo que é associado ao feminino (Fiorin et al., 2014). Um exemplo, é o trabalho social e assistencial ser naturalizado como um trabalho “feminino”, generalizando as questões de gênero de modo a minimizar e desvalorizar o trabalho realizado por mulheres (Curado e Menegon, 2009), tendência também percebida no estudo de Rodrigues et al. (2019). Na enfermagem, em que há uma predominância de mulheres trabalhadoras, a questão de gênero aparece nas mudanças na profissão que passam por práticas de afirmação da mulher no ambiente de trabalho, uma vez que conciliar trabalho e família surge como fator importante para a construção dos sentidos e a continuidade do vínculo organizacional (Rodrigues et al., 2016). Outro exemplo é “independência financeira” ter sido citada como um dos sentidos do trabalho mais por homens do que por mulheres (Siqueira, 2016).

Entender o mundo do trabalho, em especial por sua centralidade na vida dos sujeitos, permite compreender suas dimensões, impactos e os sentidos que lhe são atribuídos pelos indivíduos e organizações contemporâneas (Sá & Lemos, 2017; Tolfo, 2019). Por isso, ao delimitar o escopo deste estudo, cabe breves considerações acerca do lugar ocupado pelas mulheres nesse contexto, já que, desde sua inserção no mercado de trabalho formal, inúmeras transformações e desafios foram colocados à realidade feminina (Garcia & Viecili, 2018). O trabalho da mulher ao longo da história é marcado por períodos de avanços e permanências (Fiorin et al., 2014).

O trabalho não doméstico para as mulheres passou a ser validado após um contexto histórico emergencial: as guerras que retiravam os homens, até então, únicos provedores de seus lares. Mas, mesmo sendo uma necessidade da sociedade, as mulheres ainda enfrentavam resistências e discriminações (Fiorin et al., 2014; Garcia & Viecili, 2018; Guiginski & Wajnman, 2019; Rodrigues et al., 2019). Frente ao atual contexto socioeconômico e o aumento do desemprego no país, identifica-se que a atribuição do papel da mulher à domesticidade ainda é forte, principalmente por ser culturalmente sustentada (Amaral, 2013; Coelho et al., 2016; Curado & Menegon, 2009;

Diogo & Maheirie, 2007; Silva, 2017; Sousa & Guedes, 2016). Esse papel, atrelado aos cuidados da casa, traz às mulheres inseridas no mercado de trabalho desafios advindos da dupla (ou tripla) jornada, que gera acúmulo de responsabilidades e afeta sua saúde (Amaral, 2013; Fiorin et al., 2014; Garcia & Vicili, 2018; Guiginski & Wajnman, 2019).

Dessa forma, embora as mulheres venham conquistando seu espaço no mercado de trabalho e assumindo cargos importantes, principalmente a partir de seu investimento na educação e contínua busca por igualdade salarial e de gênero (Guiginski & Wajnman, 2019; Silva, 2017), a mudança ainda é tímida, não combatendo por completo as desigualdades expressivas que ainda existem no âmbito laboral (Coelho et al., 2016; Curado & Menegon, 2009; Guiginski & Wajnman, 2019; Rodrigues et al., 2019; Sousa & Guedes, 2016). Ainda assim, a carreira profissional contribui de forma significativa para a independência financeira e emocional da mulher (Fiorin et al., 2014).

Um dos motivos, por vezes velado, de desigualdade e discriminação da mulher no mercado de trabalho é o período de gestação. A Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) assegura direitos às mulheres grávidas, buscando que elas não sejam prejudicadas devido à gravidez (Garcia & Vicili, 2018). Dentre os direitos, a CLT prevê restrições de atividades ou troca temporária de função, dispensas em horário de trabalho para realização de consultas e exames médicos e mesmo, em alguns casos, o afastamento temporário do trabalho para cuidados de saúde.

Ao abordar, neste estudo, as temáticas “gravidez” e “maternidade”, não se busca reproduzir o discurso comumente presente na sociedade, que reforça a ideia de que a mulher-mãe é uma versão completa de si e as não-mães são pessoas em amadurecimento, em negação ou que não tiveram chance de realizar esse feito (Gonzaga & Mayorga, 2019). Busca-se, aqui, apresentar percepções de mulheres que decidiram pela maternidade e necessitaram refletir sobre seu novo papel na relação com sua atividade laboral. Há trechos, neste artigo, que reforçam certa generalização da maternidade e da gestação como um momento vivido de forma positiva, sendo planejada e desejada, o que nem sempre é corroborado pelas empresas e empregadores (Fiorin et al., 2014; Guiginski & Wajnman, 2019) ou pelas próprias mulheres gestantes e mães.

O entendimento dos sentidos do trabalho para mulheres de diferentes ocupações é objetivo de diversas pesquisas (Coelho et al., 2016; Diogo & Maheirie, 2007; Spinelli & Lemos, 2015) e mesmo a relação entre o trabalho e a maternidade é encontrada na literatura (Andrade et al., 2018; Fiorin et al., 2014; Garcia & Vicili, 2018; Guiginski & Wajnman, 2019; Manente & Rodrigues, 2016). Em destaque, o estudo de Andrade et al. (2018) analisou os sentidos do trabalho para mulheres egressas da licença maternidade, ligados à função de educadoras das participantes da pesquisa. Outro exemplo é a pesquisa de Garcia e Vicili (2018), que caracterizou a relação de mulheres com o seu trabalho após a experiência da maternidade, reforçando que tal vivência modificou os significados do trabalho para elas. Entretanto, mesmo com esses estudos, é possível afirmar que há poucas pesquisas brasileiras que investiguem as tentativas de conciliar trabalho e família – demandas pessoais – associando-as à decisão de se ter filhos (Fiorin et al., 2014; Rodrigues et al., 2016).

Ao restringir a busca pela literatura que relacionasse “trabalho” e “gestação”, identificou-se que essas esferas são comumente pesquisadas e entendidas separadamente; além disso, questões sobre os efeitos e relações que o trabalho traz à mulher gestante, e vice-versa, ainda são pouco exploradas. Refletir sobre as percepções entre o trabalho feminino e a gestação permite construir subsídios teóricos que instrumentalizem os envolvidos, ou seja, os trabalhadores, empregadores e as próprias organizações, a buscarem melhorias e adequações a essa realidade, mitigando aspectos de desigualdade e discriminação envolvidos no contexto. Frente a isso, este estudo buscou compreender os sentidos do trabalho para mulheres no período gestacional, além de identificar possíveis mudanças nesses sentidos a partir da experiência da gestação.

## Método

### Participantes

Trata-se de uma pesquisa de delineamento qualitativo em que participaram oito mulheres grávidas que atendiam aos critérios de inclusão previamente estabelecidos: ser maior de 18 anos, estar no segundo ou terceiro trimestre da gestação, estar ativa na função em um trabalho formal – independentemente do tipo de vínculo empregatício –, e aceitar participar de forma espontânea e voluntária. Tratou-se de uma amostra não probabilística por conveniência, tendo as primeiras entrevistadas – da rede de contato das pesquisadoras – indicado outras possíveis participantes (*Snowball*). A Tabela 1 apresenta a caracterização das mulheres participantes da pesquisa.

**Tabela 1: Caracterização pessoal e profissional das participantes da pesquisa**

| Entrevistada | Idade | Estado Civil  | Escolaridade      | Profissão<br>(Tempo na Função)      | Tempo na Função |
|--------------|-------|---------------|-------------------|-------------------------------------|-----------------|
| Part. A      | 36    | Casada        | Doutorado         | Advogada e Professora Universitária | 12 anos         |
| Part. B      | 27    | Casada        | Pós-Graduação     | Fisioterapeuta                      | 5 anos          |
| Part. C      | 34    | Casada        | Superior Completo | Funcionária pública Federal         | 8 anos          |
| Part. D      | 28    | Noiva         | Superior Completo | Auxiliar de Recursos Humanos        | 1 ano e 9 meses |
| Part. E      | 40    | União estável | Pós-graduação     | Bancária/Gerente geral              | 4 anos          |
| Part. F      | 26    | Casada        | Mestrado          | Assistente administrativa           | 3 anos          |
| Part. G      | 39    | Casada        | Pós-Graduação     | Coordenadora administrativa         | 2 anos          |
| Part. H      | 38    | Casada        | Pós-Graduação     | Professora de Ensino Básico         | 16 anos         |

Fonte: Autores (2021).

As gestantes tinham idades entre 26 e 40 anos, todas possuíam um relacionamento estável e ensino superior completo. Além dos dados apresentados na Tabela 1, também se identificou que cinco não possuíam outros filhos (exceto Part. C, G e H), havendo variações salariais expressivas (entre 1.650,00 e 10 mil reais).

### Instrumentos

Foram utilizados dois instrumentos para coleta dos dados: (1) questionário de dados sociodemográficos, com questões relacionadas à idade, nível de instrução, estado civil, profissão, tempo de trabalho, renda familiar média, fonte da principal renda familiar, número e idades dos filhos, número de gestações, dentre outras; e (2) uma entrevista individual com roteiro semiestruturado a partir das três categorias definidas *a priori*, sendo elas “trabalho e seus sentidos” (exemplo: Qual a importância que seu trabalho possui para você?), “ser mãe e a gestação” (exemplo: “Gestar, para você, é?”), e “percepções de repercussões da gestação no trabalho” (exemplo: “Quais dificuldades você encontrou, no trabalho, relacionadas à gravidez?”).

### Procedimentos éticos e de coleta de dados

No convite para participar da pesquisa, as gestantes receberam as informações sobre os objetivos, método e questões éticas. Com o aceite, foi agendada a entrevista individual em local e horário escolhidos pelas participantes. A entrevista foi conduzida pela primeira autora do artigo, sob orientação da segunda – que é doutora em psicologia e possui experiência com pesquisa. No dia da entrevista foi entregue, explicado e solicitada assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. O trabalho atendeu às exigências éticas contempladas na Resolução nº 466/2012

e na Resolução nº 510/2016, do Conselho Nacional de Saúde (CNS), que dispõem sobre a realização de pesquisa com seres humanos. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade, onde foi realizado o estudo, sob número de parecer 3.047.644 (CAAE: 03305518.4.0000.5319). Houve compromisso com a privacidade e com a confidencialidade dos dados utilizados; sendo assim, as participantes foram identificadas com abreviação da palavra “participante” (“Part.”), seguida por uma letra que segue a ordem alfabética.

### **Análise de dados**

Os dados do questionário sociodemográfico foram utilizados para caracterizar as participantes da pesquisa, já os advindos das entrevistas foram submetidos à análise de conteúdo, seguindo os três processos: pré análise, exploração do material e tratamento dos resultados, e inferência e interpretação (Bardin, 2011). Inicialmente, foi realizada a transcrição literal da gravação da entrevista e, depois, os arquivos foram divididos por perguntas, para buscar semelhanças e diferenças nas respostas das participantes. Com essa organização, foram novamente lidas as respostas, procurando associá-las às categorias de análise propostas *a priori*. Assim, foram sinalizadas as semelhanças com cores que representavam cada categoria da pesquisa. Após o recorte e a organização dos dados, as categorias foram analisadas e interpretadas.

## **Resultados e discussão**

As entrevistadas formavam um grupo homogêneo de características, todas possuíam um relacionamento estável (rede de apoio), curso superior e encontravam-se inseridas em contextos de trabalho minimamente adequados, com condições adequadas de trabalho, em lugares não insalubres nem perigosos, com equipamentos de segurança disponíveis e com o fornecimento dos recursos de trabalho necessários à atuação – apesar das variações de salários, áreas de atuação e tempo nas funções. O aspecto homogêneo refere-se a um viés privilegiado das condições laborais vivenciadas pelas participantes, assim como os sentidos atribuídos ao trabalho e à própria gestação/maternidade não podem ser considerados fora desse recorte de classe, pois estão imbricados ao contexto em que estão inseridas. Houve opiniões compartilhadas, que foram reunidas em três categorias abrangentes, com conteúdo inter-relacionados, a saber: compreensão sobre os sentidos do trabalho, a gestação e as percepções de relação com o trabalho, e os sentidos do trabalho e sentimentos antes e durante a gestação.

### **Compreensões sobre trabalhos com e sem sentido**

Trabalhar é um fazer humano socialmente relevante que permite que o indivíduo se desenvolva e se relacione, cumpra metas e realize objetivos (Morin, 2001), reafirmando seu valor e estruturando a vida (Gonçalves et al., 2020; Neves et al., 2018; Tolfo, 2019). Dessa forma, entender os sentidos que são atribuídos ao trabalho permite uma forma de reorganizar o meio, podendo buscar o melhor de cada indivíduo através das condições que a organização lhe oferece (Morin, 2001). Para a perspectiva existencialista, os sentidos do trabalho são um conjunto de fatores como a importância, as experiências proporcionadas e a finalidade que ele tem para o indivíduo na busca por realizações (Gonçalves et al., 2020).

Um trabalho com sentido, para as participantes, é aquele que contém aspectos relacionados ao polo positivo (Blanch-Ribas, 2003) e aproximam o trabalho ao prazer e realização:

“O trabalho em que a gente pode se relacionar bem com os outros e que traz sensação de satisfação . . . é uma forma também de me satisfazer como pessoa” (Part. A), “Um trabalho que te dê prazer, deixe feliz, em que você cumpra uma função importante, se sinta bem com os colegas de trabalho” (Part. C), “Tu tem aquele prazer, sensação de trabalho realizado, de tarefa cumprida” (Part. B), e “É um trabalho onde você se sente valorizada no que faz, que o que você está fazendo é importante para a empresa, que as pessoas estão reconhecendo que o teu trabalho é importante” (Part. D).

A natureza do trabalho e o reconhecimento são aspectos do meio organizacional capazes de influenciar na satisfação no trabalho (Diogo & Maheirie, 2007; Oliveira et al., 2004). A satisfação, a interação humana, ter e cumprir objetivos e a aprendizagem podem ser fontes de sentidos positivos no trabalho (Morin, 2001; Siqueira, 2016). Esses sentidos positivos são comuns à sociedade contemporânea em que valoriza o trabalho (Blanch-Ribas, 2003).

Algumas falas como “Ganhar dinheiro” (Part. A) e “Independência” (Part. D), relacionam o trabalho a um sentido instrumental (Blanch-Ribas, 2003), ou seja, aquele meio que garante a sobrevivência, remuneração e o consumo (Andrade et al., 2012; Gonçalves et al., 2020; Sá & Lemos, 2017; Tolfo, 2019), e é capaz de promover uma melhor condição de vida (Diogo & Maheirie, 2007; Siqueira, 2016). Esses sentidos do trabalho possuem um valor neutro, ou seja, ele não é percebido como algo positivo nem negativo, mas, sim, necessário e condizente com a lógica de emprego (Blanch-Ribas, 2003). Além disso, tais sentidos retomam aspectos da participação da mulher no sustento financeiro do lar enquanto uma realidade atual (Fiorin et al., 2014). A revisão de literatura de Andrade et al. (2012) reforça os sentidos do trabalho ligados à sua instrumentalidade, logo, como fonte de sobrevivência e status, garantindo ao sujeito segurança financeira e sobrevivência. Porém, o trabalho ainda estará atrelado ao sentido substantivo quando se desperta sentimentos positivos, como a satisfação, a realização e o reconhecimento interpessoal, sendo todos eles coexistentes.

Corroborando com esses resultados, um trabalho sem sentido é visto pelas entrevistadas como algo que é imposto a elas, como uma forma de punição que traz sofrimento. Isto é, associações do trabalho a aspectos do polo negativo do modelo adotado (Blanch-Ribas, 2003). Alguns dos trechos ilustram isso:

“O trabalho que é um fardo que você faz somente pelo retorno financeiro” (Part. B), “Aquele maçante, que tu não gosta que tu fica triste só de pensar em ir trabalhar, aquele que te desanima, esse é um trabalho que não vale a pena ter” (Part. G), “Quando é um fardo, quando é uma tortura” (Part. H) e, “É você não ser valorizada, é olharem você como pouca coisa, o que tu faz é pouco, não é importante o que tu faz, qualquer um faria” (Part. D).

Também concordando com essa questão, o estudo de Oliveira et al. (2004) evidenciou que um trabalho que não faz sentido é aquele em que o trabalhador não é reconhecido, não sente prazer no que realiza e seus feitos não são valorizados pela organização. De forma simples, se um trabalho com sentido proporciona um ambiente satisfatório com condições adequadas para o exercício profissional, aquele que não proporciona o mesmo não traz sequer um sentido (Morin, 2001).

A análise das falas permite perceber que um trabalho com sentido – mesmo em ocupações e condições diferentes de trabalho – é aquele no qual se encontra prazer, satisfação, reconhecimento, a demonstração da importância do trabalho, seja para os outros ou para a organização, assim como aquele com retorno financeiro justo e que proporciona a realização profissional. O trabalho pode ocupar lugares variados na vida dos indivíduos e assumir diferentes sentidos (Pereira & Tolfo, 2016). Apesar disso, na compreensão existencialista adotada nesta pesquisa, considera-se que as pessoas buscam encontrar sentidos em suas atividades. Outro aspecto que chama a atenção nas falas,

já que pode representar os sentidos atribuídos aos seus próprios trabalhos, é que, ao definirem um trabalho com sentido, as entrevistadas responderam em primeira pessoa:

“O trabalho em que **a gente** pode se relacionar bem com os outros”, “que **eu** me realizo como profissional” (Part. A).

Já as falas que traziam elementos do polo negativo foram realizadas em segunda ou terceira pessoa, mostrando um distanciamento com os sentimentos despertados:

“ . . . que **tu** não gosta”, “É **você** não ser valorizada” (Part. D).

### *Grávida, e agora? Percepções sobre a relação entre trabalho e gravidez*

Se, por um lado, o trabalho pode mostrar-se estruturante e uma fonte de prazer e satisfação, a gestação, para muitas mulheres, é um feito feminino que altera sua forma de se relacionar com o mundo e possui um simbolismo especial. A gravidez é uma fase transitória do ciclo vital e exige que a mulher reorganize sua identidade (Manente & Rodrigues, 2016). Atualmente, a maternidade e a carreira profissional desempenham papéis centrais na vida de muitas mulheres, influenciando na sensação de realização emocional (Fiorin et al., 2014). Por isso, entender esses fenômenos – trabalho e gestação – conjuntamente pode nos permitir compreender a representatividade, os sentidos e a influência deles na vida das mulheres (Andrade et al., 2018).

Ao serem questionadas sobre o que era gestar, as falas inicialmente retrataram a ambivalência dos sentimentos vivenciados pelas gestantes, dilema também percebido em outros estudos (Leite et al., 2014; Silva, L. J. & Silva, L. R., 2009). Obteve-se respostas como:

“É uma nova etapa, é um desafio, mas é das melhores sensações que a gente tem como mulher, é novo, e é assustador e é maravilhoso ao mesmo tempo, é muito lindo. É um misto de sensações” (Part. B) e, “É um sonho misturado com muita responsabilidade, e é pesado” (Part. C).

Sentimentos mistos e contraditórios também foram descritos em outros estudos com gestantes (Leite et al., 2014; Silva, L. J. & Silva, L. R., 2009). O estar grávida provoca alterações no psiquismo da mulher, o que se repercute em sentimentos e vivências que podem parecer inicialmente contraditórios, sendo a ambivalência afetiva comum (Silva, L. J. & Silva, L. R., 2009). A notícia da gestação traz felicidade e medo, desejo de ter o filho e de interromper, satisfação e receio de julgamentos e da não aceitação da gravidez pelo companheiro (Leite et al., 2014).

Os sentimentos de ambivalência que acompanham a descoberta da gestação também estavam relacionados ao fato de que, para a maioria das participantes, a gravidez não tinha sido planejada, embora houvesse um desejo prévio em ter filhos:

“Não [planejei], foi um susto, foi uma surpresa. A gente queria, sempre falava, mas foi uma surpresa porque não estávamos esperando” (Part. B), “Não foi planejada para ocorrer nesse momento” (Part. F) e, “Mais ou menos, eu sempre quis, discutida não foi tanto, mas era uma coisa que me fazia feliz a ideia” (Part. D).

As falas revelam conflitos em uma gravidez não planejada, ou seja, apesar de conscientemente não ter sido esperada, a gravidez é associada a sentimentos positivos. Mesmo assim, o gestar, na vida da mulher, é um momento que gera expectativas, anseios e mudanças – biológicas, psicológicas, físicas e sociais – que influenciam sua vida em um espaço de tempo finito, requerendo adaptações, inclusive no contexto profissional (Coutinho et al., 2014; Leite et al., 2014; Piccinini et al., 2008).



Ao descobrirem a gravidez, as gestantes relataram que refletiram sobre de que forma ela poderia influenciar seus trabalhos, tendo sido respondido:

“Eu sabia que não ia conseguir ir até o fim da gestação trabalhando justamente por esse esforço . . . [Fisioterapeuta], pelo colo [às crianças que atende], pela bola, pelo físico mesmo” (Part. B) e “Eu sempre tentei me organizar para estar em uma função mais tranquila, tanto que na primeira gravidez, quando eu já era assessora e achei que não ia dar conta, eu entreguei a função” (Part. C).

Essas respostas ressaltam a preocupação entre o tipo de atividade, as demandas da função e as mudanças vivenciadas no período gestacional, como maior cansaço e restrição na mobilidade e força física. As mudanças nos estilos de vida provocadas pela gravidez apontam que, nessa fase, costuma surgir preocupações ligadas à alimentação, vestimentas e saúde, assim como algumas relacionadas ao trabalho, que também é afetado e ponderado (Coutinho et al., 2014; Guiginski & Wajnman, 2019; Leite et al., 2014).

Já outras respostas destacam a preocupação com questões ligadas à segurança de emprego, saúde e assistência médica, e direitos:

“O meu trabalho era um ambiente bom e como a empresa oferece vou poder ter o meu filho por um plano de saúde bem bom” (Part. D) e “Pensei na minha estabilidade aqui na instituição de seis anos, quando você tem pouco tempo é muito fácil ser tachada de a que entrou aqui só para engravidar” (Part. G).

Essas inquietações, relatadas pelas entrevistadas, podem estar associadas ao fato de a maternidade não trazer uma mudança do status social das mulheres no sistema de gênero colonial/moderno. Ainda que discursivamente se exalte a mulher-mãe, efetivamente ela sofre com o preterimento no mercado de trabalho (Gonzaga & Mayorga, 2019). Somado a isso, a pesquisa de Manente e Rodrigues (2016) relatou que durante a fase gestacional é comum um desconhecimento acerca dos direitos e políticas de proteção materna infantil, e a presença do apoio social reflete em uma percepção de segurança.

Ao considerar que, para as mulheres participantes da pesquisa, o trabalho e a gestação são influenciadores diretos de suas vidas (Andrade et al., 2018), buscou-se entender se elas percebiam uma relação entre esses fenômenos e, sobre isso, emergiram falas como:

“Eu não vejo como limitador, acho que a gestante pode desenvolver muito bem o seu trabalho, com limites e ressalvas” (Part. B), “A gravidez não te impede de continuar trabalhando, se a mulher tem uma saúde e boas condições, tanto que eu pretendo trabalhar até ganhar bebe mesmo. Até quando puder” (Part. E), e, “Eu acho que gravidez não é uma doença, mas tem algumas limitações, o trabalho é bom até para distrair a cabeça” (Part. H).

Os trechos ilustram que a gravidez provoca mudanças que podem limitar a mulher e sua relação com o ambiente ocupacional, porém, não se trata de uma condição impeditiva para a realização das atividades laborais como um todo. Todas as mudanças que ocorrem nesse período são fatores importantes e fazem a mulher voltar-se ao bebê e à maternidade e conseqüentemente ser mais cuidadosa com sua saúde (Coutinho et al., 2014; Piccinini et al., 2008) e atenta a limitações temporárias.

Além de não ser considerada uma restrição, o estar grávida pareceu reforçar o compromisso com o trabalho-emprego, já que esse fornece segurança e remuneração necessária à subsistência, evidenciado pelas falas:

“Se você tem um trabalho facilita muito a ter uma gravidez, um filho, se eu não estivesse trabalhando, provavelmente eu não estaria grávida” (Part. D) e “Eu vejo que tu se sentes mais segura, mas ao mesmo tempo que vem a segurança vem a insegurança do retorno [do período de licença maternidade]” (Part. G).

Nessas falas, o sentido instrumental do trabalho é o que se sobressai, estando a função profissional definida como um meio para a sobrevivência a qual merece dedicação, uma vez que cumpre um objetivo muito claro: sustentar (Andrade et al., 2012). O retorno financeiro do trabalho à mulher permite que ela possa cumprir com sua parte nas exigências do compromisso social adquirido com a maternidade, com isso, o emprego passa a ter maior importância para algumas mulheres (Garcia & Viecili, 2018). O novo ideal de “mulher contemporânea” impõe a conciliação dos desejos pessoais com as exigências sociais, ou seja, a realização profissional e financeira deve estar aliada aos papéis de mãe e esposa (Fiorin et al., 2014).

Apesar dos sentimentos ambivalentes e do não planejamento, as respostas sobre como se sentem ao gestar foram predominantemente positivas:

“Ah muito bem, muito feliz, muito realizada, curtindo cada etapa, é maravilhoso” (Parte B) e, “Feliz, eu estou muito feliz, realizada e grata por ela, e eu hoje eu não imaginaria minha vida diferente” (Part. D).

A maternidade continua sendo uma vivência importante para algumas mulheres, proporcionando um sentimento de reconhecimento social, valorização e realização pessoal (Garcia & Viecili, 2018). A partir dos relatos, entendemos que há, nas participantes, a ideia de liberdade de escolha pela maternidade. Embora não seja objetivo desta pesquisa, cabe aqui a reflexão sobre a errônea perspectiva de muitos que consideram que ser mãe é uma condição natural e socialmente apontada como objetivo-fim para a vida feminina. Essa percepção pode colocar a maternidade em um discurso que naturaliza a própria violência de subjugação feminina, em que não há outra opção à mulher a não ser “ser mãe” (Gonzaga & Mayorga, 2019).

### ***A gestação e o trabalho: sentidos atribuídos e repercussões***

Os sentidos do trabalho devem ser aceitáveis para si e para o meio em que se vive (Gonçalves et al., 2020; Schweitzer et al., 2016). Pesquisar sobre esses sentidos, em especial para mulheres, pode elucidar os conflitos vividos por elas na conciliação entre as demandas laborais, pessoais e familiares (Sá & Lemos, 2017). Além disso, o conhecimento dos aspectos associados ao trabalho é importante para compreender como as mulheres representam sua carreira profissional e que lugar o trabalho tem ocupado em suas vidas (Fiorin et al., 2014).

Ao solicitar às participantes que recordassem os sentidos que atribuíam aos seus trabalhos antes da gestação, identificou-se que, de acordo as memórias acessadas, o trabalho era muito relevante, sendo fonte de realização e de conquistas. Isso foi relatado nas falas:

“Representava realização, prazer e aprendizado” (Part. A) “Meu trabalho era muito importante, não conseguia ficar sem trabalhar, fico muito mal se eu não tiver emprego” (Part. D), “Era e é muito importante, é através do meu trabalho que eu consegui conquistar minhas coisas e que me realizo como profissional” (Part. E) e “Não conseguia me imaginar sem trabalho” (Part. H).

O trabalho como um aspecto importante para a vida é corroborado por outras pesquisas, como para recicladoras que construía sentidos do trabalho que iam além do ganho material (Coelho et al., 2016), e para mulheres do mercado financeiro, que também identificaram seus trabalhos como fonte de realização profissional e financeira (Spinelli & Lemos, 2015).

A significação do trabalho é a representação e o valor que a atividade tem para o indivíduo, (Morin, 2001) sendo um dos principais componentes dos sentidos do trabalho para a abordagem existencialista (Gonçalves et al., 2020; Schweitzer et al., 2016). Estar no mercado de trabalho também configurar-se como uma conquista, uma vez que gera prazer e visibilidade social que o trabalho doméstico não permite (Amaral, 2013). Outro ganho é que trabalhadores os quais encontram sentidos em seu trabalho são mais satisfeitos e envolvidos e conseqüentemente mais produtivos, pois trabalham com mais dedicação, paixão e criatividade (Sá & Lemos, 2017).

Os sentidos do trabalho, com a gravidez, deslocaram-se para uma perspectiva instrumental mais expressiva. Se antes a realização era algo fundamental para um trabalho com sentido, com a gestação o destaque para algumas entrevistadas é dado à remuneração, necessária para a subsistência e para cumprir com as responsabilidades de ter um filho. A gravidez representa tanto uma reorganização de variáveis psicológicas e biológicas quanto uma análise socioeconômica (Manente & Rodrigues, 2016). Isso pode ser visto em trechos como:

“[O trabalho] continua sendo importante porque é através dele que eu vou conseguir ter recursos para dar uma vida tranquila pra minha filha” (Part. E), “Antes eu teria que manter a mim e agora é mais uma pessoa, então você precisa valorizar, guardar o teu trabalho, porque agora você vai ter uma família, vai ter um filho” (Part. D) e “Com a gravidez não é só uma questão de realização, é uma questão mais de necessidade, tem que manter o vínculo empregatício e tem que manter o trabalho porque agora não sou só eu” (Part. A).

O emprego passa a ter maior importância, ou seja, as mulheres trabalhadoras que se tornam mães valorizam a estabilidade e a segurança financeira que o trabalho lhe proporciona, o que lhes permite suprir as novas demandas e necessidades da família. Apesar disso, quando o retorno financeiro passa a ser o único ou o principal fim da atividade laboral, esta pode lhe causar sofrimentos futuros, uma vez que os sentidos atribuídos ao trabalho não decorrem mais da função social dele (Garcia & Viceli, 2018).

Esses aspectos são reforçados com os sentimentos atuais (durante a gestação) com relação ao trabalho que destacam as responsabilidades que surgem como cuidados extras com a própria saúde e as que surgirão após o nascimento, com a saúde e segurança do bebê:

“Depois que temos filho ou ficamos grávidas as coisas que fazíamos perdem um pouco da importância, não são tão mais importantes quanto antes, teu foco muda, suas prioridades mudam” (Part C), “Antes o trabalho era minha prioridade, agora não mais, minha prioridade é minha filha, a saúde dela” (Part E) e, “Eu acho que o trabalho ficou mais em segundo plano, mas foi difícil para esse processo acontecer.” (Part. F).

A forma como sentem e percebem as mudanças, mostra que já não são quem eram antes, e que seu papel no mundo mudou, o que pode ser considerado como um dos principais atos na maternidade (Coutinho et al., 2014; Piccinini et al., 2008).

Enquanto um fator protetivo à saúde, os sentidos do trabalho devem estar atrelados ao reconhecimento e à forma de se colocar no mundo, pois é pelo trabalho que se contribui para o meio (Andrade et al., 2018; Garcia & Viceli, 2018). Outras entrevistadas ressaltaram em suas falas esses outros lugares do trabalho, tais como:

“Como sou da justiça do trabalho, tento retribuir de alguma forma para as pessoas que estão precisando, é gratificante saber que estou ajudando de alguma forma a sociedade como um todo, mas eu não me descabelo mais, digamos assim” (Part. C) e “[os sentidos do trabalho] continuam os mesmos, continuam as questões de prazer, de ver essas crianças independentes e funcionais, mesmo com suas limitações, mas de ver que elas estão indo mais longe por causa desse trabalho” (Part. B).

Falas essas que reforçam o sentido de contribuição social e utilidade, além de meio para a sobrevivência. Os sentidos ligados à contribuição também foram identificados na pesquisa de Fiorin et al. (2014), em que as mães trabalhadoras responderam que o trabalho não se resume ao aspecto financeiro, mas que suas atividades laborais são fonte igualmente de satisfação e trazem a sensação de crescimento pessoal, à medida que se percebem contribuindo no ambiente de trabalho.

Os benefícios sociais, cognitivos e emocionais viabilizados por um trabalho que possui sentidos positivos são importantes para estimular as trabalhadoras mães a enfrentarem as dificuldades no equilíbrio dos diversos papéis que exigem delas grande dedicação (Garcia & Viecili, 2018). A coerência é um dos componentes analisados dos sentidos do trabalho para a perspectiva existencialista (Gonçalves et al., 2020; Schweitzer et al., 2016) e pressupõe que o trabalho deve proporcionar harmonia e equilíbrio para o indivíduo (Morin, 2001).

Um aspecto interessante é que as duas gestantes que perceberam que os sentidos atribuídos aos seus trabalhos se mantiveram bastantes semelhantes aos anteriores à gestação aprenderam com suas famílias a priorizar o prazer e a satisfação no trabalho ao invés de valorizar somente a remuneração. Esse aspecto ficou explícito nas respostas à pergunta sobre a importância do trabalho para a família:

“A gente vem de uma família que o trabalho é importante, tem que fazer o que a gente ama, não tem que pensar só no retorno financeiro” (Part. B) e “Meu trabalho é uma forma de realização, meu pai sempre falava que era para eu fazer alguma coisa que me desse prazer, que não era para fazer só porque eu queria trabalhar” (Part. C).

A forma com que as gestantes foram ensinadas por suas famílias de origem a lidar com seus trabalhos – sentimentos e percepções sociais passadas ao indivíduo antes de sua entrada no meio organizacional – repercutiu na atribuição de sentidos ao trabalho antes e durante a gestação.

## **Considerações finais**

Objetivou-se, com este estudo, compreender os sentidos do trabalho para mulheres no período gestacional e identificar as percepções de influências da gestação nesses sentidos. Na psicologia, a gestação e os sentidos do trabalho são construtos bastante pesquisados, porém, não de forma conjunta, o que motivou a busca pela compreensão dessas relações em mulheres gestantes.

Como principais achados da pesquisa, destacam-se os sentidos do trabalho voltados à realização, prazer, satisfação e à remuneração para as mulheres antes da gestação, com maior predominância no polo positivo e sentido substantivo. Já o gestar é um dos marcos de vida dessas mulheres, causando sentimentos ambíguos, principalmente por ser acompanhado por um aumento de responsabilidade e insegurança frente ao desconhecido. Apesar dessa importância, ao descobrirem (ou decidirem) sobre a gravidez, surgiram reflexões em relação ao trabalho, uma vez que foram citados, por exemplo, o período de vínculo empregatício que possuíam e as atividades que desempenhavam como fatores que influenciaram o planejamento da gravidez.

Em geral, as gestantes entrevistadas reorganizaram os sentidos do trabalho após a descoberta da gestação, passando para uma perspectiva mais instrumental, entendendo seu trabalho principalmente como meio para garantir a sobrevivência e a segurança financeira para criar seus filhos. Apesar dessas mudanças, para duas gestantes, em que havia uma cultura e influência da família de origem de que um trabalho deveria ser primeiramente fonte de realização e satisfação e não somente uma fonte de remuneração, os sentidos iniciais voltados ao prazer mantiveram-se mais presentes, pois aspectos relacionados à família e à felicidade já ocupavam um lugar de destaque para essas mulheres.

Este estudo subsidia a reflexão de psicólogos, gestores e profissionais da gestão de pessoas sobre de que forma a gestação e suas mudanças impactam a vida da mulher trabalhadora e seu vínculo com o trabalho. Para tanto, é possível que empresas estruturarem práticas e políticas de gestão que entendam e atendam a esse período, uma vez que ficou evidente o quão mais necessário o trabalho se torna para essas mulheres após a descoberta da gravidez, mesmo podendo ocupar espaços diferentes em suas vidas.

Os resultados identificados encontram algumas limitações. Questões como o nível educacional – mulheres com ensino superior completo –, a classe social – predominante média e alta –, o estado civil – todas com relações estáveis com seus parceiros e pais de seus filhos –, e o ambiente de trabalho – em funções não operacionais – revelaram certa homogeneidade desse público, o que pode ser entendida como uma restrição da pesquisa. Logo, não se retrata aqui a realidade de muitas mulheres, expressando um viés nos resultados, pois as participantes estavam vivenciando condições adequadas e uma organização de trabalho que permitem uma gestação sem grandes riscos. Portanto, sugere-se uma amostra heterogênea que possa apresentar resultados divergentes dos apresentados nesta pesquisa. Além disso, abordou-se exclusivamente a percepção da mulher em relação à sua rotina e trabalho. Por isso, também se sugere novos estudos que tragam uma percepção mais ampla e generalista da temática abordada. Como sugestões para futuras pesquisas, tem-se, por exemplo, a proposta de investigar a percepção de gestores sobre as relações entre trabalho e gestação de suas trabalhadoras, assim como a possibilidade de abordar a temática dos sentidos do trabalho por meio de perspectivas teóricas e epistemológicas distintas da proposta aqui apresentada. Ainda, é possível propor a continuidade de pesquisas como esta, com uma perspectiva longitudinal de coleta de dados, entrevistando as mesmas mulheres em momentos distintos, como durante a gestação e após o período de licença (no retorno ao trabalho), pois as exigências de conciliação entre as demandas do trabalho e da maternidade no cotidiano poderão influenciar na construção de novos sentidos para o trabalho.

## Referências

- Amaral, G. A. (2013). Os desafios da inserção da mulher no mercado de trabalho. *Itinerarius Reflectionis*, 8(2), 1-20. <http://doi.org/10.5216/ir.v2i13.22336>
- Andrade, C. J., Praun, L. D., & Avoglia, H. R. C. (2018). O sentido do trabalho para mulheres após a licença maternidade: Um estudo com profissionais de educação. *Semina: Ciências Sociais e Humanas*, 39(2), 147-158. <http://doi.org/10.5433/1679-0383.2018v39n2p147>
- Andrade, S. P. C., Tolfo, S. R., & Dellagnelo, E. H. L. (2012). Sentidos do trabalho e racionalidades instrumental: Interfaces entre a administração e a psicologia. *Revista de Administração Contemporânea*, 16(2), 200-216. <http://doi.org/10.1590/s1415-65552012000200003>
- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. Edições 70.
- Blanch-Ribas, J. M. (2003). Trabajar en la modernidad industrial. In J. M. Blanch-Ribas, M. J. E. Tomaz, & C. G. Dora (Orgs.), *Teoría de las relaciones laborales: Fundamentos* (pp. 19-148). Editorial UOC.
- Coelho, A. P. F., Beck, C. L. C., Fernandes, M. N. S., Machado K. L., & Camponogara, S. (2016). Mulher-guerreira, mulher-homem: Reconhecimento do trabalho e seus sentidos na percepção de mulheres recicladoras. *Texto & Contexto: Enfermagem*, 25(2), 1-9. <http://doi.org/10.1590/0104-07072016002350014>
- Coutinho, E. C., Silva, C. B., Chaves, C. M. B., Nelas, P. A. B., Parreira, V. B. C., Amaral, M. O., & Duarte, J. C. (2014). Pregnancy and childbirth: What changes in the lifestyle of women who become mothers? *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 48(spe2), 17-24. <http://doi.org/10.1590/s0080-623420140000800004>
- Curado, J. C., & Menegon, V. S. M. (2009). Gênero e os sentidos do trabalho social. *Psicologia & Sociedade*, 21(3), 431-441. <http://doi.org/10.1590/S0102-71822009000300017>

- Diogo, M. F., & Maheirie, K. (2007). De balde e vassoura na mão: Os sentidos que mulheres serventes de limpeza atribuem aos seus trabalhos. *Revista Mal Estar e Subjetividade*, 7(2), 557-579.
- Fiorin, P. C., Oliveira, C. O., & Dias, A. C. (2014). Percepções de mulheres sobre a relação entre trabalho e maternidade. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 15(1), 25-35.
- Garcia, C. F., & Viceli, J. (2018). Implicações do retorno ao trabalho após licença-maternidade na rotina e no trabalho da mulher. *Fractal: Revista de Psicologia*, 30(2), 271-280. <http://doi.org/10.22409/1984-0292/v30i2/5541>
- Gonçalves, J., Schweitzer, L., Pereira, E. F., & Tolfo, S. R. (2020). Sentidos e significados do trabalho. In S. R. Tolfo (Org.), *Gestão de pessoas e saúde mental do trabalhador: Fundamentos e intervenções com base na Psicologia* (pp. 277-294). Vetor.
- Gonzaga, P. R. B., & Mayorga, C. (2019). Violências e instituição maternidade: Uma reflexão feminista decolonial. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 39(spe2), 59-73. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003225712>
- Guiginski, J., & Wajnman, S. (2019). A penalidade pela maternidade: Participação e qualidade da inserção no mercado de trabalho das mulheres com filhos. *Revista Brasileira de Estudos de População*, 36, 1-26. <http://doi.org/10.20947/s0102-3098a0090>
- Leite, M. G., Rodrigues, D. P., Sousa, A. A. S., Melo, L. P. T., & Fialho, A. V. M. (2014). Sentimentos advindos da maternidade: Revelações de um grupo de gestantes. *Psicologia em Estudo*, 19(1), 115-124. <http://doi.org/10.1590/1413-7372189590011>
- Manente, M. V., & Rodrigues, O. M. P. R. (2016). Maternidade e trabalho: Associação entre depressão pós-parto, apoio social e satisfação conjugal. *Pensando famílias*, 20(1), 99-111.
- Morin, E. M. (2001). Os sentidos do trabalho. *Revista de Administração de Empresas*, 41(3), 8-19. <http://doi.org/10.1590/S0034-75902001000300002>
- Neves, D. R., Nascimento, R. P., Felix Jr, M. S., Silva, F. A., & Andrade, R. O. B. (2018). Sentido e significado do trabalho: Uma análise dos artigos publicados em periódicos associados à Scientific Periodicals Electronic Library. *Cadernos EBAPE.BR*, 16(2), 318-330. <http://doi.org/10.1590/1679-395159388>
- Oliveira, S. R., Piccinini, V. C., Fontoura, D. S., & Schweig, C. (2004). Buscando o sentido do trabalho. In *Anais do XXVIII Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração* (p. 283). ANPAD.
- Pereira, E. F., & Tolfo, S. R. (2016). Estudos sobre sentidos e significados do trabalho na psicologia: Uma revisão das suas bases teórico epistemológicas. *Psicologia Argumento*, 34(86), 302-317. <http://doi.org/10.7213/psicol.argum.34.087.AO02>
- Piccinini, C. A., Lopes, R. S., Gomes, A. G., & De Nardi, T. (2008). Gestação e a constituição da maternidade. *Psicologia em Estudo*, 13(1). <http://doi.org/10.1590/s1413-73722008000100008>
- Rodrigues, A. L., Barrichello, A., & Morin, E. M. (2016). Os sentidos do trabalho para profissionais de enfermagem: Um estudo multimétodos. *Revista de Administração de Empresas*, 56(2), 192-208. <http://doi.org/10.1590/S0034-759020160206>
- Rodrigues, A. O., Gouveia, D. R., Ribeiro, S. R. B., Ribeiro, C. B., Vicente, G. F. D. (2019). Relações de gênero e sentidos sociais do trabalho feminino. *Revista Científica UNAR*, 19(2), 171-190. <http://doi.org/10.18762/1982-4920.20190023>
- Sá, J. G. S., & Lemos, A. H. C. (2017). Sentido do trabalho: Análise da produção científica brasileira. *Revista ADM. MADE*, 21(3), 21-39. <http://doi.org/10.21714/2237-51392017v21n3p021039>
- Schweitzer, L., Gonçalves, J., Tolfo, S. R., & Silva, N. (2016). Bases epistemológicas sobre sentido(s) e significado(s) do trabalho em estudos nacionais. *Revista Psicologia Organizações e Trabalho*, 16(1), 103-116. <http://doi.org/10.17652/rpot/2016.1.680>
- Silva, L. J., & Silva, L. R. (2009). Mudanças na vida e no corpo: Vivências diante da gravidez na perspectiva afetiva dos pais. *Escola Anna Nery*, 13(2), 393-401. <http://doi.org/10.1590/s1414-81452009000200022>
- Silva, M. D. (2017). A mulher no mercado de trabalho: A busca pela quebra de paradigmas impostos pela sociedade. In *XIV EVIDOSOL e XI CILTEC-Online* (pp. 1-5). [http://www.periodicosletras.ufmg.br/index.php/anais\\_linguagem\\_tecnologia/article/view/12106](http://www.periodicosletras.ufmg.br/index.php/anais_linguagem_tecnologia/article/view/12106)

- Siqueira, F. G. (2016). *Sentidos do trabalho em empresa do setor de varejo*. [Dissertação de Mestrado, Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas]. <https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/17705/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20MPA%20FABIO%20Siqueira%202016%20VFF%20.pdf>
- Sousa, L. P. D., & Guedes, D. R. (2016). A desigual divisão sexual do trabalho: Um olhar sobre a última década. *Estudos Avançados*, 30(87), 123-139. <http://doi.org/10.1590/s0103-40142016.30870008>
- Spinelli, J. G., & Lemos, A. H. C. (2015). *Os sentidos do trabalho para mulheres atuantes no mercado financeiro: Entre a vocação e a remuneração*. [Dissertação de mestrado, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro]. [http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/PUC\\_RIO-1\\_3797304dec938056f85e6c6ca32a2c38](http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/PUC_RIO-1_3797304dec938056f85e6c6ca32a2c38)
- Tolfo, S. R. (2019). Significados e sentidos do trabalho. In P. F. Bendassolli, & J. E. Borges-Andrade (Orgs.), *Dicionário de psicologia do trabalho e das organizações* (pp. 617-626). Artesã.

**Endereço para correspondência**  
julia.goncalves@atitus.edu.br

Recebido em: 23/04/2021  
Revisado em: 21/10/2022  
Aprovado em: 31/10/2022